

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

GUSTAVO GALVÃO BUENO IGLESIAS

TOUR PELO ESPORTE
ENTREVISTA COM A BOZO D'ÁGUA

SÃO PAULO
2º SEMESTRE DE 2020

GUSTAVO GALVÃO BUENO IGLESIAS

**TOUR PELO ESPORTE
ENTREVISTA COM A BOZO D'ÁGUA**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Dr. Paulo Rodrigo Ranieri.

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE DE 2020**

**ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO REFLETE A OPINIÃO DA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SEU CONTEÚDO E
ABORDAGEM SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DE SEU AUTOR.**

LINK E QR CODE DO PRODUTO

Entrevista com a Bozo D'Água, upload feito no dia 21 de outubro de 2020.

Última atualização em 22 de novembro de 2020.

<https://youtu.be/jsnmqLTDCok>



DEDICATÓRIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso é em homenagem ao meu pai Mauricio Incelli Iglesias, que me apresentou ao universo do esporte e me fez amá-lo.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a equipe multicampeã de rafting, Bozo D'Água, que disponibilizou seus atletas para me ajudar com este trabalho. Apesar da agenda apertada, dividida entre treino e trabalho, Eduardo Degrandi e André Brandão encontraram um tempo para compartilhar suas histórias.

Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Ranieri, que esteve ao meu lado e contribuiu para que o resultado final fosse o melhor possível.

Por fim agradeço à minha família e amigos que me ajudaram desde que surgiu a ideia de entrevistar atletas profissionais. Todos que enviaram suas perguntas para que a entrevista ganhasse conteúdo. Muito obrigado.

RESUMO

O presente relatório embasa um programa de entrevista com a Bozo D'Água, equipe multicampeã de rafting fundada em 2002. Produto de rádio que conversou com dois atletas integrantes do time, Eduardo Degrandi e André Brandão, a professora Juliana Figueiredo e o instrutor Leandro Nunes. São oito títulos mundiais, quatro sul-americanos, quatro pan-americanos, três Copas do Mundo e quinze brasileiros no currículo. Grande parte da população conhecem a prática do rafting, sabem do que se trata, mas desconhecem o cenário competitivo no Brasil e no mundo. Assim, o principal objetivo é apresentar o rafting ao público de forma mais aprofundada através de uma entrevista com atletas profissionais. O resultado foi um bate-papo de uma hora, reduzido para vinte minutos, que aborda a relação deles com o esporte, passagens divertidas na carreira, curiosidades sobre a prática e uma reportagem sobre a história e contexto da modalidade.

Palavras-chave: jornalismo, rafting, entrevista, rádio Bozo D'Água.

ABSTRACT

The following project supports an interview program with Bozo D'Água, a multi-champion rafting team founded in 2002. Radio product that talked to two athletes from the team, Eduardo Degrandi and André Brandão, the teacher Juliana Figueiredo and the instructor Leandro Nunes. Their curriculum has eight world titles, four south american, four pan american, three World Cups and fifteen brazilians championship. Many people know rafting, what it's about, but they are unaware of the competitive scenario in Brazil and the world. Therefore, the main objective is present rafting to the public through an interview with professional athletes. The result was one hour conversation, reduced to twenty minutes, that addresses their relationship with the sport, fun passages throughout their career, curiosities about the practice and a report on the history of the sport.

Keywords: journalism, rafting, interview, radio, Bozo D'Água.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1. Rafting	12
2.2. Linguagem do rádio	13
2.3. Entrevista	16
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21
6. ANEXO	23
7. APÊNDICE	23

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa embasa um programa de entrevista de rádio com a Bozo D'Água, equipe brasileira octacampeã mundial de rafting fundada em 2002. O esporte é classificado como radical por conta do alto grau de risco físico e das condições extremas em que ele é praticado, o que eleva o nível de adrenalina no corpo. A grande maioria dos esportes radicais são praticados na natureza, como por exemplo surfe, kitesurf, windsurf, snowboard, paraquedismo, alpinismo, o próprio rafting e etc.

De acordo com o site da Associação Brasileira de Rafting, os nativos americanos usavam canoas para navegar nos rios do continente, mas foi John Wesley Powel, em 1869, que deu início à prática da modalidade ao enfrentar as águas do Rio Colorado, nos Estados Unidos, em barcos de madeira.

Com o passar dos anos, a madeira deu espaço à borracha e aos botes infláveis. O remo passou a ser fabricado com fibra de carbono e o esporte tomou forma. Em 1997 foi criada a Federação Internacional de Rafting, e dois anos depois foi organizado o primeiro Campeonato Mundial, na África do Sul. O Brasil surfou nessa onda e organizou sua primeira competição nacional em 2001. No ano seguinte era fundada a Bozo D'Água. De lá para cá são oito títulos mundiais, três Copas do Mundo, quinze campeonatos brasileiros, quatro pan-americanos e quatro sul-americanos.

No entanto, o começo nas competições foi complicado. De acordo com Bandeira; Bastos; Amaral (2018, p. 166), que entrevistaram os integrantes, o time sofreu com a falta de apoio financeiro, equipamento - os atletas usavam botes emprestados e remos remendados - e competências técnicas. O rafting era novidade no país, mas a ampla diversidade natural brasileira foi um dos fatores que permitiu o crescimento exponencial. A cidade de Brotas e o Rio Iguaçu, que banha o estado do Paraná, são locais de referência para os treinamentos profissionais.

Em 2019, 120 atletas distribuídos em 17 equipes participaram da primeira etapa do Campeonato Brasileiro, realizado em Brotas entre os dias 22 e 24 de março. Apesar do alto nível de competição nas três modalidades - tiro, slalom e head to head cross - a invencibilidade de 14 anos da Bozo d'Água em torneios nacionais não foi quebrada e a tradição prevaleceu mais uma vez.

A partir deste contexto, como um programa de entrevista pode apresentar o rafting ao público por meio de histórias e experiências dos atletas brasileiros da equipe Bozo D'Água?

Para isso, o objetivo principal desta pesquisa é de fato entrevistar a equipe Bozo D'Água para contar a relação dos atletas com o esporte.

Os objetivos secundários são revelar o início dos atletas na modalidade e da equipe Bozo D'Água nas competições oficiais, apontar para a trajetória até os títulos e a motivação pessoal de cada atleta, e despertar o interesse do público para a prática do rafting.

Para cumpri-los, o método escolhido é um programa de entrevista uma vez que a conversa oral e presencial permite a organização de relatos e experiências anteriormente fragmentadas. Em outras palavras, é o momento em que o entrevistado reúne sua bagagem de vida e cria uma narrativa completa e coerente.

Entre as funções do jornalismo está a mediação entre o especialista e o público. Através da figura do repórter, a complexidade de um assunto é dissolvida e entregue à população de maneira clara. O rafting não é muito difundido e, portanto, muitos não o conhecem. Por isso, uma entrevista com atletas permite a transmissão deste conhecimento específico.

Cremilda Medina, no livro *Entrevista: o diálogo possível* (2007), comenta sobre o fenômeno da identificação, que envolve o repórter, o entrevistado e a informação. Segundo ela, a audiência sente quando a entrevista transmite emoção e autenticidade. É importante que a conversa aconteça em patamar equivalente, mas a desigualdade de conhecimento também é necessária, o que permite a troca de experiências e informações. Dessa forma, ocorre o desbloqueamento e a consequente aproximação do público, bem como a fluidez da relação.

O programa de entrevista "Knuckleheads", do portal The Players' Tribune, cumpre bem essa função ao passo que cada episódio é composto por uma conversa entre os apresentadores, Quentin Richardson e Darius Miles, e um convidado. No primeiro episódio da terceira temporada, por exemplo, a dupla entrevista Shaquille O'Neal, astro da NBA.

Há também um motivo pessoal para a produção de um programa de entrevista. Eu adoro esportes radicais e sempre tive vontade de praticar rafting. Por isso, encontrei nesta pesquisa uma oportunidade de conhecer uma equipe profissional.

Para realizar a entrevista com a Bozo D'Água, o primeiro contato foi feito através de mensagens no Instagram. A equipe topou conversar comigo e como eles já tinham duas competições internacionais marcadas para março e julho de 2020, a gravação seria feita em abril. Porém, a pandemia de Covid-19 provocou isolamento social e atrapalhou os planos. Minha ideia inicial era entrevistar a equipe em Brotas e inclusive descer com eles nas corretezas do rio. Como a quarentena durou mais do que o esperado e foi um período de incertezas, optei por trocar uma entrevista audiovisual por apenas áudio, já que é possível gravar em casa e me deixa mais confortável com o planejamento.

Portanto, como a minha ideia é gravar o programa ao invés de ir ao vivo, a conversa acontecerá através do Zoom, que permite a gravação do áudio. Tudo será feito no computador do repórter, que também o utilizará para editar o material e fazer uma reportagem sobre a história do rafting no Brasil e no mundo e outra sobre o Rio Zambeze. O bate-papo será informal, dado que o intuito é trazer à tona a informação de forma descontraída, como se fosse entre amigos.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RAFTING

Os esportes radicais são aqueles praticados em condições extremas sob alto grau de risco físico que eleva o nível de adrenalina no corpo humano. Segundo o site Educa Mais Brasil, eles são divididos em duas modalidades: ação e aventura. Esportes radicais de ação buscam o movimento perfeito e manobras de risco calculado, como por exemplo o surfe, skate, mountain bike e kitesurf. Já os esportes radicais de aventura são baseados na superação de desafios geográficos, como a escalada, snowboarding, paraquedismo e rafting.

Segundo o site da Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa), “o rafting consiste na descida de rios em botes infláveis. Os integrantes da embarcação remam sob o comando de um instrutor responsável pela orientação do grupo durante o percurso.”

Os egípcios no século XV a.C. e os astecas nos séculos III a IX d.C. já utilizavam embarcações para locomoção. Posteriormente, no século XVI, índios e

esquimós usavam canoas de tronco vazado para pescar e se deslocar pelos rios da América do Norte.

No entanto, o primeiro registro de uma descida de rafting no mundo foi em 1869, quando John Wesley Powel organizou uma expedição nas corretezas do Rio Colorado, nos Estados Unidos, em barcos de madeira. A expedição terminou com algumas quedas e batidas em pedras, já que o material é rígido e sem maleabilidade, por isso não é adequado para a prática do rafting. Os botes infláveis surgiram em 1936 e mais tarde, na década de 1980, passaram a ser fabricados com materiais mais leves e resistentes. Neste período a modalidade cruzou fronteiras e foi introduzido no território brasileiro, conforme o site da Confederação Brasileira de Canoagem.

O Rafting chegou ao Brasil em 1982, através da empresa TY-Y Expedições, cujas descidas se restringiam ao rio Paraíba do Sul e rio Paraíba, ambos em Três Rios (RJ). [...] O esporte ganhou força a partir de 1990 com a criação da Canoar Rafting & Expedições e com ela uma inovação no Rafting brasileiro: a modalidade com remos individuais. A novidade foi introduzida no rio Juquiá, em Juquitiba / SP. [...] Atualmente, estima-se em 50 o número de operadoras de Rafting no Brasil, explorando descidas comerciais nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Bahia, Mato Grosso do Sul e Tocantins.

O primeiro campeonato brasileiro foi organizado em 1996 no rio Tibagi, no Paraná, com apenas sete equipes. O campeão foi a Canoar Master. Ainda de acordo com o site da CBCa, no ano seguinte, em 1997, foi fundada a Federação Internacional de Rafting (IRF), que organizou o primeiro Mundial dois anos depois, em 1999, na África do Sul. A mesma equipe Canoar Master representou o Brasil e terminou na sétima colocação.

Com o passar dos anos, a infraestrutura do campeonato brasileiro cresceu e em 2019 teve a participação de 120 atletas distribuídos em 17 equipes. Ao longo de três etapas durante o ano, os atletas competiram em três modalidades: tiro, slalom e head to head cross. O campeão tem a oportunidades de representar o Brasil nas competições internacionais.

2.2 LINGUAGEM DO RÁDIO

O rádio chegou ao Brasil em 1922 com uma programação inicialmente voltada para a classe média e alta. A popularização aconteceu na década de 1930

durante o governo de Getúlio Vargas, e aos poucos o entretenimento viu a introdução do jornalismo. Muitas rádios, entre elas a Jornal do Brasil, Rádio Nacional e Jovem Pan, adotaram o modelo na década de 1960 que misturava música, notícia e prestação de serviço. Essa estratégia tinha como objetivo combater o avanço da televisão e garantir a sobrevivência do rádio. Nesse sentido, o alcance deixou de ser nacional para se tornar regional (ZUCULOTO, 2004, p. 37-39). As emissoras começam então a investir em reportagens a serviço da população, com repórteres e equipe técnica na rua.

Com a reportagem, o radiojornalismo de então começa também a ensaiar as transmissões de informações por improviso, sem a redação prévia da notícia, o que vai torná-la mais coloquial, menos concisa, menos objetiva. Mas estas são transformações que não alteram muito o seu formato, já que até hoje a maioria dos repórteres continua a redigir previamente seus boletins e, nesta redação, seguem as orientações básicas que têm suas raízes no repórter Esso (ZUCULOTO, 2004, p. 40).

O rádio diz respeito a meio cego que pode estimular a imaginação com base na voz do locutor e criar uma imagem na mente do ouvinte. Dessa forma é um meio inclusivo, que coloca uma pessoa cega no mesmo patamar de qualquer outra, já que não há imagem para ninguém, o que não acontece na televisão ou internet. Devido à sua simplicidade, consegue atingir áreas isoladas com baixo grau de instrução, por isso a palavra ao ser pronunciada deve fazer sentido imediato, já que há apoio da imagem e o ouvinte não pode ler novamente, no caso do jornal por exemplo (MCLEISH, 2001). O rádio não é mais a atração principal, isto é, as pessoas não param a rotina para ouvir programas como faziam antigamente. Elas ouvem no carro a caminho do trabalho, enquanto fazem exercícios físicos, etc. A atenção do público está mais menor. Além disso, exceto programas de debate, é necessário produzir um texto que pareça falado ao invés de um enunciado escrito. Segundo Chantler e Harris (2008), o destinatário é o ouvido, não o olho. Por isso deve-se utilizar linguagem coloquial, com frases curtas e objetivas. Dessa forma o conteúdo se aproxima de uma conversa e é melhor aceito pelo ouvinte. No entanto, a escolha de palavras não é o único método de aproximação do público. O tom de voz, trilha e efeitos sonoros, e a interpretação são elementos não verbais que dão ritmo, sonoridade e tamanho às palavras (MOURA, 2003).

Voz rouca – passa cansaço ao ouvinte, quando em grau severo transmite a sensação de estresse e esgotamento, mas dificilmente chega a ser desagradável; voz áspera – transmite agressividade, incômodo, aflição e é sempre desagradável; voz soprosa – causa a impressão de fraqueza e falta de potência, mas também pode gerar a interpretação de sensualidade; voz sussurrada – transmite a impressão de que se quer contar segredos, confere um caráter intimista à emissão; voz fluida – confere sensualidade ao falante e passa sedução ao ouvinte; voz trêmula – Passa sensibilidade excessiva, fragilidade, indecisão, medo e também senilidade (BEHLAU; PONTES, 1995, p. 129-130).

A trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio são os aliados da voz e palavra que visam criar sensações no ouvinte com base no enredo. Por meio deles o público faz associações a experiências de vida. O som de batida na madeira, por exemplo, pode significar a ação de bater na porta da entrada de casa, ou fechar a porta do carro sugere que uma pessoa chegou no destino. Por outro lado, a trilha sonora é utilizada para expressar um sentimento. Se o momento é de alegria, o tema será leve. Caso contrário pode ser tenso, emocionante, romântico, monótono, etc (MOURA, 2003). No que tange ao silêncio, mencionam-se aqui as interrupções cujo objetivo seria despertar no ouvinte o ato reflexivo e ainda acentuar ou reduzir determinados aspectos dramáticos contidos na voz do comunicador (OLIVEIRA; VIANA; SOUZA, 2010, p. 4).

A linguagem radiofônica, portanto, é composta pela união da palavra, voz, trilha sonora, efeitos sonoros e silêncio. Não é uma soma, muito menos a utilização isolada de cada um. É a interação de todos para que o ouvinte crie uma imagem em sua mente e assim acompanhe o programa (REIS, 2012).

Segundo André Barbosa Filho (2003, p. 51), a programação é dividida em gêneros para direcionar a mensagem e atingir melhor o público alvo. São eles: jornalístico, em que há divulgação e análise dos fatos; educativo-culturais, que tem o objetivo de difundir educação e cultura como o próprio nome sugere; entretenimento, a essência do rádio; publicitário, que garante a sobrevivência do meio através da venda de produtos e serviços; propagandísticos, que divulgam ideias, crenças e princípios; e por fim os especiais, que são híbridos.

O rádio tem procurado de reinventar após a chegada da televisão e internet. De acordo com Henry Jenkins (2015, p. 14), os meios coexistem ao passo que a palavra impressa não matou a falada, o cinema não matou o teatro e a televisão não matou o rádio.

2.3 ENTREVISTA

A entrevista é um recurso de fundamentação da narrativa. Somente informações não constituem uma boa reportagem, por exemplo, é preciso levar em consideração o desempenho do repórter e sua capacidade de transmitir emoção, a fim de enriquecer ainda mais o conteúdo (CAMPOS, 2010). Na figura de representante de um grande número de pessoas, ele deve atender à demanda da audiência e colocar suas próprias curiosidades em segundo plano. De acordo com Cremilda Medina, no livro *Entrevista: o diálogo possível* (2007), uma coisa pode atrapalhar a outra.

Podcasts e programas de rádio eficientes mostram o que está acontecendo em vez de explicar. [...] A fala dos entrevistados pode ser uma das responsáveis por atingir essa construção de imagens sonoras. Um modo de fazer isso é pedir a eles que descrevam o que estão fazendo, e não perguntar como se sentem. A maneira de abordar o entrevistado faz toda a diferença (BARBOSA, 2015, p. 31).

Ainda segundo Cremilda Medina (2007), o repórter enquanto intermediador na sociedade não é um especialista em entrevista. Ele é especializado na técnica de reportagem, e assim recorre a um cientista, por exemplo, para embasar uma eventual pauta científica e fornecer informações e interpretações. O especialista é o entrevistador, que encara o momento como uma situação psicossocial complexa. É preciso conhecer as etapas de uma conversa: namoro, busca da confiança recíproca e entrega.

As pessoas andam armadas umas em relação às outras. Por isso também é função do entrevistador “preparar a atmosfera de trabalho, proporcionar uma abertura para o desbloqueio, desarmamento. Só após desanuviar as desconfianças é que efetivamente se pode abordar a pauta” (MEDINA, 2007, p. 30). Quando esta técnica é ultrapassada pela intimidade entre entrevistador e entrevistado, ocorre o diálogo.

Este diálogo é mais do que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram o sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito ao entrevistado ou a um problema. [...] Ocorre liberação e desbloqueamento na atuação inter-humana e esta relação tem condições de fluir. [...] O equilíbrio entre

inovação a serviço da expressividade e clareza a serviço da eficiência da mensagem – eis o diálogo possível (MEDINA, 2007, p. 83).

Mas para que o diálogo seja possível não depende apenas do entrevistador, também é preciso levar em conta o entrevistado, de acordo com Medina (2007). Sua postura pode ser rígida e agressiva, o que impõe uma barreira para o entrevistador obter informações e histórias. Dessa forma, uma alternativa é fazer um questionário de perguntas pré-pautadas para que o entrevistado seja conduzido aos resultados estabelecidos previamente. “O repórter geralmente atua de forma incisiva, de maneira a direcionar a entrevista, nem sempre no sentido de esclarecer, mas de apenas confirmar uma ideia pré-concebida na redação sobre determinado assunto” (MUSSE; MUSSE, 2010, p. 4).

Quando uma entrevista é desenvolvida com base em um questionário, o resultado frustra o receptor, que pode ser um telespectador, leitor ou ouvinte. Por outro lado, ele sente quando a conversa é dinâmica e transmite emoção e autenticidade. “Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, três envolvidos (fonte da informação, repórter e receptor) se interligam numa única vivência.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

O meu produto é um programa de entrevista de rádio com a Bozo D'Água, equipe brasileira octacampeã mundial de rafting fundada em 2002. Na disciplina de Projetos de TCC, no sexto semestre, eu decidi que gostaria de entrevistas atletas profissionais de um esporte não muito popular. Particularmente gosto de explorar este universo justamente porque a maioria do público não está familiarizado com o assunto e vê no produto uma oportunidade para conhecê-lo.

O primeiro passo foi entrar em contato com a equipe para saber se topariam dar entrevista. Primeiro mandei mensagem na página do Facebook, mas não obtive resposta. Posteriormente mandei mensagem no Instagram e recebi um retorno positivo. A ideia inicial era uma entrevista audiovisual com direito a uma aventura nas correntezas de um rio. No entanto, por conta da pandemia de Covid-19, alterei o formato para um programa de rádio porque a gravação poderia ser feita em casa,

respeitando o isolamento social, e o ouvinte não conseguiria identificar a mudança. No produto audiovisual, as consequências da pandemia ficariam claras, então preferi evitar essa situação.

Meu objetivo é trazer informação de forma leve e descontraída. Minha principal inspiração é o programa de entrevista “Knuckleheads”, do The Players’ Tribune, um portal em que os atletas escrevem suas histórias em primeira pessoa e participam de vídeos, podcasts e pesquisas. “Knuckleheads” é composto por dois ex-jogadores de basquete, Quentin Richardson e Darius Miles, e um convidado. Eu gosto muito do episódio com Isiah Thomas, bicampeão da NBA com o Detroit Pistons. Além de ele ser muito carismático, a entrevista flui muito bem porque são três ex-jogadores de basquete conversando sobre a vida de Isiah de maneira descontraída, mas sem perder o foco de abrir um espaço para os fãs conhecerem melhor o convidado.

Outra referência é o talk show da revista Trip, que vai ao ar na Rádio Eldorado às sextas e terças-feiras. Nele, Paulo Lima recebe convidados para entrevistas leves e descontraídas. O assunto do programa é diverso, uma vez que o convidado é a pauta e ele pode atuar em qualquer área da sociedade brasileira. Eu gosto muito do episódio que estreou no dia 29 de novembro de 2019, em que a repórter Mariana Becker conta sua trajetória no jornalismo e a cobertura da Fórmula 1, sua especialidade há dez anos.

A minha entrevista com a equipe Bozo D’Água poderia ser disponibilizada no Trip FM, da Rádio Eldorado, porque o perfil dos convidados é diverso. O programa abrange jornalistas, ativistas, atores, empresários, músicos, etc. Por isso, um atleta não teria problema para participar.

Com a proposta definida, comecei a pesquisar dados e trabalhos acadêmicos para produzir este relatório. Ao mesmo tempo, coletei informações sobre a Bozo D’Água e o rafting de forma geral. Minha ideia era abordar a relação pessoal dos atletas com o esporte, sua história no Brasil e no mundo, curiosidades sobre o equipamento, rios e correntezas específicas, e o cenário competitivo. Solicitei também a participação do público, que mandou perguntas através da minha conta no Instagram. Como a minha proposta é um programa de entrevista, é necessária apenas uma gravação. Agendamos via Zoom em setembro e foi muito legal. Ao longo de uma hora, consegui fazer todas as perguntas que gostaria,

peguei os ganchos que surgiram no momento e penso que deixei eles à vontade para contarem histórias e experiências nos campeonatos.

Uma semana antes, realizei três entrevistas para compor a reportagem que foi produzida depois, a fim de não repetir assuntos. Eu pensei previamente no tema, mas não como iria abordá-lo. Eu pretendia produzir duas reportagens, mas a entrevista com Eduardo Degrandi e André Brandão, da Bozo D'Água, foi tão legal que derrubei a segunda matéria por conta do limite máximo de 20 minutos do programa. Depois, com a entrevista em mãos, dei sequência à reportagem.

Por conta da pandemia de Covid-19, utilizei meu próprio computador para realizar a gravação de áudio. O Zoom permite a captação, mas também aproveitei o Quick Time Player como backup. Baixei trilhas sonoras gratuitas e livres de direitos autorais da biblioteca do YouTube e editei o material inteiro no iMovie.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este programa de entrevista tenha cumprido seu principal objetivo que era apresentar o rafting ao público por meio de histórias e experiências dos atletas profissionais da Bozo D'Água. Penso também que a metodologia e referencial foram as melhores opções durante uma pandemia para obter os resultados desejados.

A principal questão que enfrentei ao longo do processo foi a indefinição justamente por conta da pandemia. A ideia de um programa de televisão se transformou em rádio, porém eu estava com pé atrás querendo voltar para o audiovisual pensando que a quarentena seria algo rápido. Isso não se comprovou e então dei sequência ao trabalho. O resultado seria muito mais legal se eu tivesse encontrado os atletas em Brotas, gravado imagens de treino e descida nas correntezas.

Apreendi que esporte no Brasil não se resume a futebol, basquete, tênis, vôlei e automobilismo, que são os mais famosos. Outras modalidades levam a mesma vida e têm seus campeonatos, confederações, rotina de treino puxada e histórias para contar, ainda que a visibilidade seja menor. A cada quatro anos, durante os Jogos Olímpicos, temos contato com muitos esporte “diferentes” que depois desaparecem do noticiário. Nesse sentido, penso que este trabalho

contribuiu para que uma parcela da sociedade conheça outras modalidades e mude seu pensamento a respeito.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi muito legal. Nas redações jornalísticas, por exemplo, há um produtor que marca a entrevista, um repórter que realiza e um editor que dá o toque final à reportagem. Neste trabalho eu assumi todas as funções sem a ajuda de ninguém, o que me mostrou que posso ser um profissional versátil para o mercado de trabalho. Coloquei em prática tudo que aprendi no curso de jornalismo e no estágio. Estou muito feliz com o resultado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADARI, Helena Maria Giudice. **A presença da mídia no crescimento do surf no Brasil: um estudo sob a perspectiva da psicologia do esporte**. 2016. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155696/000888340.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 maio 2020.

BANDEIRA, Marília Martins; BASTOS, Alexandre; AMARAL, Sílvia Cristina Franca. **Anônimos supercampeões: a equipe de rafting Bozo D'Água e a caracterização dos esportes de aventura**. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n55p156/37586>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Botucatu Online. Disponível em:

<<http://www.botucatuonline.com/2019/03/20/campeonato-brasileiro-de-rafting-em-brotas-um-show-para-o-publico-de-22-a-24-de-marco/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

Brotas. Disponível em: <<https://brotas.com.br/mais-sobre-brotas/equipes-de-rafting/>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

CAMPOS, Prof. Ms Pedro Celso. **Introdução ao Telejornalismo**. 2010. Disponível em: <http://marcoarelios.com.br/Intr_telejorn.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

Confederação Brasileira de Canoagem. Disponível em:

<<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/12>>. Acesso em: 21 set. 2019.

Educa Mais Brasil. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/esportes-radicaais>>. Acesso em: 10 set. 2019.

Empresa Brasil de Comunicação. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/cultura/2012/10/cantor-de-jazz-completa-85-anos>>. Acesso em: 21 set. 2019.

FILHO, André Barbosa. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

História do Rádio. Disponível em: <http://www.radio.ufpr.br/portal/historia/>. Acesso em: 13 maio 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2015.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2008. Disponível em:

<<https://bv4.digitalpages.com.br/?term=entrevista%2520dialogo%2520possivel&searchpage=1&filtro=todos&from=busca&page=2&ion=0#/legacy/2240>>. Acesso em: 13 out. 2019.

MOURA, Jefferson José Ribeiro de. **Elementos não-verbais e argumentação radiofônica**. 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/141942424401306621883450463534689639937.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. **A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações**. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/Rumores/article/view/51209>>. Acesso em: 12 out. 2019.

OLIVEIRA, Edilene Maфра Mendes de; VIANA, Maria do Socorro da Costa; SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Linguagem Radiofônica: o sistema de comunicação aplicado na divulgação científica no rádio**. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0706-1.pdf>>. Acesso em 01 jul. 2020.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. **Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características**. Disponível em: <https://www.academia.edu/6443348/esportes_radicais_de_aventura_e_a%C3%A7%C3%A3o_conceitos_classifica%C3%A7%C3%B5es_e_caracter%C3%ADsticas>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Rafting Brasil. Disponível em: <http://www.raftingbrasil.com.br/?page_id=16>. Acesso em: 26 ago. 2019.

REIS, Ana Isabel Crispim Mendes. **Os recursos expressivos da linguagem radiofônica nas cibernotícias das rádios portuguesas**. 2012. Disponível em: <<https://radioleituras.files.wordpress.com/2012/07/ano3num1art01.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SILVA, Letícia Chagas Macedo. **Canal off: o instagram da tv**. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11423/1/21444250.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **O imaginário no rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, dos riscos e da vertigem**. 2004. Disponível em: <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=661&acordo=>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **As transformações da notícia de rádio na fase pós-televisão**. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1896>>. Acesso em: 10 out. 2020.

6. ANEXO

Site da Associação Brasileira de Rafting, acessado em 26 de agosto de 2019.

http://www.raftingbrasil.com.br/?page_id=16

Site da Confederação Brasileira de Canoagem, acessado em 21 de setembro de 2019.

<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/12>

Site “Educa Mais Brasil”, acessado em 10 de setembro de 2019

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/esportes-radicais>

7. APÊNDICE

Autorizações do uso de imagem e voz:

